



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA

GABRIELLA SANTOS E SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA LINGUAGEM MUSICAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA
SENSIBILIDADE E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

GOIÂNIA
2022

GABRIELLA SANTOS E SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA LINGUAGEM MUSICAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA
SENSIBILIDADE E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professora Orientadora: Dra. Maria Zeneide C.M. de Almeida

GOIÂNIA
2022

GABRIELLA SANTOS E SILVA

**CONTRIBUIÇÕES DA LINGUAGEM MUSICAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA
SENSIBILIDADE E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a.Orientadora:Dra. Maria Zeneide C.M. de Almeida_____

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Prof^a. Convidada: Ma. Zélia Maria Borges _____

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Nota Final _____ ()

Goiânia, ____/____/2022

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus, especialmente à minha mãe, que sempre me apoiou nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me permitir continuar, mesmo diante de muitos obstáculos e dificuldades. À minha família, em especial aos meus pais, por todo o apoio, amor, carinho e confiança que em mim depositaram. Ao meu namorado, importante pessoa que me apoiou e me incentivou a permanecer constante nos meus objetivos. Aos meus amigos. À professora convidada Ma. Zélia Maria Borges que contribuiu nas discussões e reflexões que me despertaram o interesse para realizar essa pesquisa. À minha orientadora Dra. Maria Zeneide C.M. de Almeida, pela compreensão, orientação e dedicação para o desenvolvimento do meu trabalho, e à professora doutoranda Antonia de Paula Ribeiro que apresentou ideias e opiniões enriquecedoras para a construção deste trabalho científico.

*“Há um menino, há um moleque
Morando sempre no meu coração
Toda vez que o adulto balança ele vem pra me dar a mão
E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor”*

(Milton Nascimento, Bola de meia, bola de gude)

CONTRIBUIÇÕES DA LINGUAGEM MUSICAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA SENSIBILIDADE E APRENDIZAGEM DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Gabriella Santos e Silva¹
Maria Zeneide C.M. de Almeida²

RESUMO

Este trabalho é o resultado da pesquisa desenvolvida na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da PUC GOIÁS. Trata-se de um estudo bibliográfico, que tem como finalidade compreender as contribuições da linguagem musical para o desenvolvimento da sensibilidade e aprendizagem da criança na Educação Infantil. A compreensão e reflexão sobre a temática está amparada nos autores elencados que teorizam e discutem o papel da sensibilidade na constituição do sujeito, investigando as contribuições da música para o desenvolvimento da aprendizagem e entendendo a importância da linguagem musical para o desenvolvimento da sensibilidade e aprendizagem da criança na Educação Infantil. Os resultados obtidos indicam que a experiência com a linguagem musical se torna essencial para o desenvolvimento de um ser humano sensível, assim como também favorece diversos momentos de aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Sensibilidade. Linguagem Musical. Aprendizagem. Criança. Educação Infantil.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

² Doutora. Professora do Curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I – O PAPEL DA SENSIBILIDADE NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	11
CAPÍTULO II – CONTRUIÇÕES DA LINGUAGEM MUSICAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL	21
CAPÍTULO III – EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL I E II	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo compreender como a linguagem musical contribui para o desenvolvimento da sensibilidade e aprendizagem da criança na Educação Infantil. Para tanto, objetiva-se destacar a importância da sensibilidade para as relações humanas, destacando como a experiência com as produções artísticas promovem um olhar sensível aos outros e ao mundo, evidenciando a linguagem musical que é, sobretudo, um elemento capaz de não só desenvolver a sensibilidade, como também potencializar e facilitar a aprendizagem da criança na Educação Infantil.

A pesquisa foi elaborada mediante um Projeto de Estudo, Investigação e Mediação Pedagógica da disciplina de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, que teve como tema: Contribuições da linguagem musical para trabalhar as emoções da criança na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento na Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos resultantes de bibliotecas convencionais e virtuais, assim como documentos oficiais, os quais possibilitaram estudar autores que produziram pesquisas e estudos que abrangem o tema.

O interesse das crianças pela linguagem musical é bastante evidente, manifestando-se cotidianamente de forma alegre e espontânea desde tenra idade. Como linguagem universal, essa linguagem permite a interação e comunicação entre as pessoas, uma vez que desperta emoções favoráveis à afetividade e à confiança. Refletindo sobre essa curiosidade e interesse natural das crianças pela música, em razão das sensações de conforto que essa linguagem pode despertar, pensa-se em como ela possui um caráter educativo relevante, pois permite o autoconhecimento e o conhecimento do outro, revelando-se em uma conduta sensível. Isso se considerarmos o verídico papel da Educação Infantil, que é conforme a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação* (LDB 9394/96), o de promover o desenvolvimento integral do indivíduo, nas dimensões física, psicológica, intelectual e social.

Constituindo-se em caráter de formação humana, a Educação Infantil deve se ocupar em despertar a curiosidade intelectual das crianças, favorecendo o desenvolvimento de seu potencial criador para que sejam capazes de buscar informações, mediante as interações e o contato com pessoas diferentes de seu convívio anterior, relacionarem-se no bem viver em sociedade, desenvolverem habilidades e capacidades, a autoestima, o autoconhecimento, o respeito ao próximo, assim como o exercício da sensibilidade pelas experiências individuais e coletivas de prazer.

A Educação Infantil deve ser entendida como etapa inicial do processo de educação. Por esta razão, a pesquisa pretende relatar como a educação infantil pode ser desenvolvida, qual o papel do educador, a importância do planejamento, assim como o uso da linguagem musical enquanto metodologia e recurso utilizado, refletindo sobre o real papel da avaliação formativa, por meio do trabalho lúdico com as crianças.

O trabalho se apresenta em três capítulos. O primeiro capítulo “O papel da sensibilidade na constituição do sujeito” discute o significado de sensibilidade, sua relevância na vida humana contemporânea, bem como as contribuições das linguagens artísticas, especialmente a música, para o desenvolvimento da sensibilidade humana.

O segundo capítulo intitulado “As contribuições da linguagem musical para o desenvolvimento da aprendizagem na Educação Infantil” reflete, no primeiro momento, sobre as mudanças percorridas nas concepções da Educação Infantil, que ainda se apega à visão assistencialista, embora a perspectiva legalizada hoje seja a de uma educação infantil como uma das etapas da Educação Básica, responsável não só pelo cuidar, como também pelo educar, complementado a ação da família e da comunidade (LDB 9394/96). Posteriormente, argumenta-se sobre como a linguagem musical enquanto atividade lúdica que possibilita múltiplas aprendizagens na Educação Infantil.

O capítulo três, denominado “Experiências do Estágio Supervisionado na Educação Infantil I e II”, analisa experiências e vivências proporcionadas pela aplicação do Projeto de Estudo, Investigação e Mediação Pedagógica da disciplina

de Estágio Supervisionado na Educação Infantil, no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Vila Redenção.

CAPÍTULO I: O PAPEL DA SENSIBILIDADE NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A sensibilidade é uma qualidade humana, cuja capacidade é a de abrigar e desencadear emoções e sentimentos. As experiências de afeto e de prazer na convivência com outros seres promovem o desenvolvimento da sensibilidade. O que toca nossas emoções, o que nos comove, são as relações entre o que sentimos e o universo que nos cerca. Razão pela qual a sensibilidade pode ser desenvolvida, amadurecendo conforme as experiências de prazer ou desprazer às quais somos submetidos, ou estamos sujeitos pelo ambiente que nos cerca. A sensibilidade quanto a algo ou alguém pode ser revelada em uma atitude empática, isto é, ser capaz de colocar-se na posição do outro. No entanto, desenvolver a sensibilidade não é tão simples e, infelizmente, a sociedade tem caminhado gradativamente para o individualismo, para a competição, para o resfriamento e distância nas relações e para a insensibilidade, negando as experiências de convivência coletiva.

Amorim e Castanho (2007), refletem a falta de compaixão na sociedade. De acordo com as autoras, compaixão é “sofrer com” alguém que sofre. Em outras palavras, é ter sensibilidade, é solidarizar-se com a dor outro. A insensibilidade social generalizada é fruto das relações desumanizadas que transformam os seres em instrumentos de trabalho e promovem desigualdades de condições entre gêneros, classes e etnias. No neoliberalismo essa condição se agrava nos processos de trabalho e de oportunidades de educação, pois que este sistema entende a escola como um negócio e a educação uma mercadoria. Coêlho (2012) afirma que, dentro dessa lógica, a escola perde sua característica de instituição e passar a ser organização. Enquanto organização, ela se ocupa de preparar os educandos para o mercado de trabalho, reduzindo o saber a competências, a conteúdos prontos que precisam ser “engavetados” na mente das crianças, convertendo-as em meros consumidores de conteúdos e de informações, num processo distante do que se compreende como aprendizagem, que inclui relações humanas e preparação para viver em sociedade, em progressivo desenvolvimento pessoal e coletivo.

Efetivamente essa perspectiva é responsável pela “adultização” das crianças, submetendo-as muito precocemente a situações contrárias ao seu desenvolvimento desejável, pois precisam acompanhar o ritmo social acelerado e em situações, muitas vezes, sem o apoio e a orientação adequadas ao desenvolvimento emocional. Assim, perdem a infância, importante momento de socialização e interação com seus pares e adultos. É preciso entrar na pré-escola o quanto antes, aprender a ler, escrever, contar até 100, saber outra língua, fazer atividades extraescolares, natação, teatro, balé, judô, piano, enfim, são inúmeras as habilidades e competências que a criança precisa desenvolver. É necessário que ela se vista e ande como um adulto. Parece que estamos retornando para a Idade Média, quando não havia o sentimento de infância e a criança era considerada um “miniadulto”, “A criança era, portanto, diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (ARIÈS, 1981, p. 14).

Com esse salto temos uma infância prejudicada, perdida. A criança cresce em um mundo com intensa competição, não há tempo para a brincadeira, é fundamental que ela seja competente e, se não o for, não vencerá a concorrência. O que temos diante disso tudo é uma sociedade adoecida, ansiosa, intolerante e insensível.

Dewey (*apud* BARBOSA e HORN, 2008) ao abordar os princípios fundamentais para a pedagogia de projetos na escola, reforçava o princípio da ação, em que a aprendizagem implica a razão, a emoção e a sensibilidade, transformando assim o perceber, sentir, agir e pensar, assim desperta-se os sentidos para a percepção do outro. Isto quer dizer que o importante é permitir que a criança se desenvolva por completo, fisicamente, emocionalmente e cognitivamente. Conforme Amorim e Castanho (2007), “Tornar o homem sensível a si, ao outro, à humanidade, à natureza, ao mundo; sensibilizar o mundo, eis o ideal a ser mirado, porque o homem necessita de beleza, de criação, de invenção” (p.101).

A função da educação é também formar um cidadão que, com suas especificidades, seja capaz de atuar no mundo e transformá-lo. A escola deve educar para a vida, não para as provas de verificação de aprendizagem do Estado, que mensuram e classificam as escolas, acirrando ainda mais a competição entre elas. Mas, sobretudo para a vida, para o respeito, para a sensibilidade, formando na criança a busca por igualdade, liberdade, emancipação e justiça. Uma educação

estética que estabelece a relação sensível, de beleza, de harmonia com o mundo. (DUARTE JÚNIOR *apud* AMORIM E CASTANHO, 2007).

Wallon foi um estudioso da emoção e afetividade no processo de ensino e aprendizagem, provando que há ligação entre a emoção e a inteligência. Segundo Nunes e Silveira (2009), a emoção é uma forma de expressão, que possui caráter de socialização, sendo que o emocional pode inibir o intelectual, ou vice-versa, e isso pode dificultar a aprendizagem da criança.

Avaliar como se desenvolve a sensibilidade humana implica refletir sobre a emoção, importante manifestação da sensibilidade, que está presente em todos os momentos da vida humana, a começar pelo início da vida, pois é por meio dela que a criança se comunica. Wallon (*apud* NUNES e SILVEIRA, 2009), apresenta uma concepção de desenvolvimento integral, as dimensões cognitivas, afetivas, sociais e motoras. Para ele, a emoção é uma ação física visível, que modifica a respiração e o ritmo cardíaco, é uma manifestação da vida afetiva, uma ação social, que supera os recursos cognitivos.

Como já citado, a emoção está muito presente desde o início da vida humana, quando o bebê se expressa por meio de suas emoções, dependendo do adulto para suprir todas suas necessidades básicas. Wallon afirma que é essa interação que possibilitará o desenvolvimento e formação da personalidade humana. Para Wallon e Vygotsky (*apud* BARBOSA e HORN, 2008) a aprendizagem e o desenvolvimento humano acontecem por meio da interação entre os sujeitos e o ambiente onde estão inseridos. O sócio-construtivismo, assim chamado, supera o conflito entre as abordagens inatista e ambiental, ressaltando que todo o ambiente ensina, não somente a escola. Nesse sentido, aprender é produzir cultura.

Para o estudo da criança, em Wallon, devem-se analisar suas fases de desenvolvimento, as idades correspondentes a cada etapa podem variar, posto que, trata-se de uma concepção interacionista e não uma linha cronológica referente à idade da criança. Conforme Nunes e Silveira (2009), destacam:

Os estágios são denominados de impulsivo-emocional, sensório-motor projetivo, personalista, categorial e adolescência. Embora essas etapas sigam princípios funcionais, de acordo com o funcionamento do sistema nervoso, o ritmo de cada uma delas é marcado por uma descontinuidade. Isto significa que podem ocorrer

mudanças, retornos de características próprias de uma etapa anterior em etapas mais recentes (p.59).

Quanto aos estágios de desenvolvimento da criança, indicados acima, temos as relações: impulsivo-emocional, sensório-motor projetivo e personalista, assim podemos classificá-los: estágio impulsivo-emocional, primeiro ano de vida, predomina a afetividade; as expressões e interações são por meio de suas emoções. Em seguida, no estágio sensório-motor (1 – 3 anos), iniciam-se os primeiros passos, a exploração do mundo físico, a criança começa a ter autonomia de seus movimentos. Com o estágio personalista (3 – 6 anos) inicia-se a formação da personalidade; há um predomínio dos aspectos afetivos na relação da criança com o ambiente; ela aprende a conviver e interagir com outras crianças e com adultos diferentes de seu convívio anterior, buscando autonomia e aprovação da família.

Por se tratar de uma relação dialógica do sujeito com o meio, os estágios de desenvolvimento são marcados por mudanças não lineares, em que uma etapa do desenvolvimento implica a incorporação das condições anteriores com sua ampliação ou atribuição de novos significados. Alexandroff (2012), afirma que durante o desenvolvimento infantil, a afetividade e a inteligência encontram-se misturadas, elas se alternam e se influenciam, sendo que, em alguns momentos do desenvolvimento, uma se sobressairá à outra.

O alto poder de transmissão das emoções pode ser perigoso tanto para o professor quanto para a criança no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Alexandroff (2012) destaca que as alterações faciais, os gestos e as formas de expressão, provocados pelas emoções podem contagiar o outro. Nesse sentido, o cuidado em especial deve ser com as emoções negativas, como raiva, medo, tristeza. Se o professor expressa algumas dessas emoções, ele pode transmitir essa emoção para as crianças. Pode acontecer também de ele não conseguir solucionar conflitos originários de determinadas emoções, isso pode influenciar as crianças e estas se contagiam com a emoção negativa. Quando há uma boa relação entre ambos, há maior probabilidade de aprendizado.

Conhecer a criança é fundamental para solucionar problemas e dificuldades que a criança enfrenta. “Conhecer a criança em suas variadas dimensões: suas condições de vida, interesses, grupos a que ela pertence” (NUNES e SILVEIRA, 2009, p. 61). Em outras palavras, é necessário conhecer essa criança, para melhor

atendê-la, segundo Alexandroff (2012) o papel do professor é pedagógico e não terapêutico.

Para que a criança conheça e expresse suas emoções, seus sentimentos e desenvolva a capacidade de sensibilidade, a experiência com as artes é fundamental, mas não no sentido das noções elementares da arte, conforme Duarte Júnior (*apud* AMORIM e CASTANHO, 2007), a arte por si só educa, é uma disciplina que gera discussão, troca de ideias. Nesse sentido, as produções artísticas no geral são eficientes para a expressão de sentimentos e emoções humanas.

A linguagem musical é uma produção artística que merece grande destaque no processo de desenvolvimento dos aspectos emocional, cognitivo e corporal da criança. Segundo López (1998), a linguagem musical está intimamente ligada à linguagem corporal, e é por meio da linguagem corporal, isto é, pelo movimento, que a criança se desenvolve. Quando a criança entra no estágio sensório-motor ela inicia sua exploração do espaço, compreende os limites dos objetos. Para Brito (2003), a ação de bater, puxar, empurrar, é uma atividade lúdica e se constitui no brincar, sendo essa a melhor forma da criança aprender.

Kishimoto (2002) afirma que o brincar desenvolve a capacidade de a criança conviver em sociedade, permite o desenvolvimento de um olhar reflexivo frente à cultura de seu meio social, constrói o conhecimento de acordo com suas experiências. As atividades lúdicas possibilitam a comunicação, importante fator para a socialização, bem como para a expressão das emoções e sentimentos. O brincar e se relacionar com seus pares e adultos, faz com que a criança se desenvolva de forma plena.

A criança, enquanto ser social, se desenvolve a partir da imitação mediada pelos gestos e falas dos adultos. Wallon e Piaget (*apud* LÓPEZ, 1998) esclarecem que a imitação é uma ação comunicativa que retrata a passagem do estágio sensório-motor para o estágio personalista. O estágio personalista é marcado pela construção de autonomia e necessidade de autoestima da criança. Por esse motivo, nesse estágio, a criança tem a necessidade de ser admirada, ela busca ser o centro das atenções, pois a linguagem musical aqui é aplicada para aprovação do adulto. Piaget afirma que os conflitos momentâneos que a criança enfrenta são chamados

de desequilíbrio, que seria um processo de conflito cognitivo. No caso da linguagem musical, para López, esta seria um método ativo capaz de recompor o equilíbrio.

Conforme López (1998), a música dos temas infantis leva à expressão da criança, não somente corporal, bem como também do sentimento e do afeto, pois a emoção une as pessoas. A criança, por intermédio da música, é estimulada a um movimento, ela se mantém interessada. Por isso, é possível a expressão dos sentimentos pela música. Nesse processo, o movimento dá forma à expressão e ao gesto, formando-se em linguagem e pensamento. Dessa forma, essa linguagem é capaz de evidenciar os limites e entendimento do próprio corpo, já que a movimentação permite desenvolver a consciência do próprio corpo e a percepção dos movimentos corporais.

As produções artísticas na educação infantil nem sempre são voltadas para o desenvolvimento da criatividade, da imaginação e da criação. Muito pelo contrário, quase sempre são reproduções de grandes obras, isso quando não são feitas ou finalizadas pelo professor para que sejam entregues a tempo de irem para a pasta de atividades.

A presença da arte na educação infantil será tanto mais importante, quanto puder contribuir para ampliar o olhar da criança sobre o mundo, a natureza e a cultura, diversificando e enriquecendo suas experiências sensíveis – estéticas, por isso, vitais (OSTETTO, 2011, p. 31).

Enquanto a arte for apenas reproduzida, sem qualquer reflexão e expressão dos sentimentos que ela possibilita, ela não contribuirá efetivamente para o desenvolvimento da sensibilidade humana.

Delalande (*apud* BRITO, 2003) relaciona a música ao jogo estudado por Piaget: o jogo sensório-motor, jogo simbólico e o jogo baseado em regras. Sendo assim classificados:

jogo sensório-motor – vinculado à exploração do som e do gesto;

jogo simbólico – vinculado ao valor expressivo e à significação mesma do discurso musical;

jogo com regras – vinculado à organização e à estruturação da linguagem musical (p. 31).

Nesse jogo musical a criança descobre e cria novas canções e instrumentos, fundamentais para uma aprendizagem significativa. A criança usa o próprio corpo como instrumento e ritmo, em palmas e gestos. É uma atividade prazerosa, que promove a liberdade da criança para criar, inventar, imaginar. “[...] descobre novos mundos e saberes, abre horizontes de vida e ação.” (CÔELHO, 2012).

A educação infantil é um importante momento de interação e socialização das crianças na educação básica. É nesta etapa que a criança irá fazer as primeiras amizades, conviver com pessoas diferentes, desenvolver o autoconhecimento, sendo capaz de reconhecer seus gostos e interesses. O professor, em um trabalho colaborativo com a família e a comunidade, deve conhecer a criança e buscar atividades que se aproximem da realidade e cotidiano da criança. A parceria com a família é uma união entre a escola e comunidade. O trabalho em equipe permite o acolhimento e comunicação entre os pais e equipe pedagógica. Incluir a família nos projetos pedagógicos significa ampliar as fronteiras sociais (BARBOSA e HORN, 2008). Essa relação dialética é indispensável para o desenvolvimento pleno da criança.

Possibilitar o contato da criança com o saber vivo, através da realidade de vida da criança, é permitir a compreensão do mundo real, concreto. É permitir o entendimento de que o saber não é pronto, acabado, portanto, não é uma verdade absoluta. Nas palavras de Coêlho (2012), “Como instituição de formação humana, a escola cultiva e ensina o saber vivo, instituinte, provocante da inteligência, da imaginação e da sensibilidade de docentes e discentes e seres humanos em geral” (p.77).

Portanto, cabe valorizar a instituição de educação como espaço de socialização dos conhecimentos, saberes, imaginação, sensibilidade, do pensamento e da investigação. Recordamos as aulas da disciplina de “Estudos sócio-históricos da Educação Infantil” nas quais discutíamos sobre os conteúdos como “crenças”, verdades absolutas e não como saber dinâmico, Como podemos “transmitir” o conceito de que a água é insípida, incolor e inodora? Certo, sabemos que a água potável precisa dessas características, no entanto, implicamo-nos pensar se a água que chega até a casa dessa criança é realmente essa, sem sabor,

sem cor e sem cheiro. E se não é, cabe-nos refletir as razões pelas quais essa água apresenta propriedades diferentes.

Do mesmo modo, como discorrer sobre os cuidados com a alimentação, educação, esporte, higiene, conforme a Lei nº 8.069/1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) informa:

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 2005, p. 17).

Como debater temas essenciais à vida humana, sabendo que grande parte da população não tem esse direito garantido, ainda que seja um dever do Poder Público? Sabemos que para muitas crianças a refeição e o banho, nas creches e pré-escolas são os únicos momentos de refeição e higiene que a criança possui. Refletir, discutir, debater sobre tamanha desigualdade social com crianças é suscitar nelas o desejo de justiça, de igualdade social, é sensibilizá-las para o mundo à sua volta, permitir que elas desenvolvam a compaixão sobre temas tão complexos, que muitas vezes são desafios encarados por elas e suas famílias.

Nesse sentido, por que não usar a linguagem musical para contestar e questionar esse conjunto de práticas que somente separa e distancia ainda mais a sociedade? A linguagem musical possibilita a compreensão da realidade de mundo, propicia o acesso ao conhecimento, bem como o desenvolvimento da sensibilidade na criança. Conforme Brito (2003, p. 17) “Os sons que nos cercam são expressões da vida, da energia, do universo em movimento e indicam situações, ambientes, paisagens sonoras: a natureza, os animais, os seres humanos traduzem sua presença, [...]”. A música está presente em todos os momentos da vida humana, mesmo que indiretamente, “Toda criança é um ser essencialmente musical” (RODRIGUES, 1992, p. 109). Só é preciso desenvolver essa capacidade para que, de fato, ela seja reflexiva e crítica.

O contato com a música oportuniza a criança o convívio com a cultura. O quanto antes a criança desenvolver o gosto pela música, mais precocemente ela ampliará seu senso estético, valorizará as produções artísticas, compreenderá o

papel e a importância da beleza para a vida humana. Fernandes *et al.* (2016), enfatizam que ensinar por meio da música contribui para que a criança contemple peças musicais, teatros e concertos, conheça diversos gêneros musicais, expandindo assim sua criatividade e autonomia. “Ela é uma linguagem que comunica sensações, sentidos e passa por organização de som e silêncio. Está presente nas mais diversas situações a afetividade, a cognição e a estética que são partes integrantes dela.” (FERNANDES *et al.* 2016).

A beleza está naquilo que é bom e verdadeiro. Encontra-se beleza na natureza, porque ela inspira, acalma, tranquiliza. Mas o lugar da beleza não permanece somente na natureza, ela está também nas produções artísticas, do mesmo modo alteram os nossos sentidos, nos fazem refletir sobre nós e o mundo a nossa volta, assim indicam Amorim e Castanho (2007). O exercício de apreciar a beleza na arte nos sensibiliza, propicia a interação com o outro, a aproximação, a compaixão e o acolhimento ao próximo:

[...] Ou, como Larrosa (2001) sabiamente adverte ao falar do fato de que muita coisa acontece no mundo, diária e ininterruptamente, mas pouco *nos* acontece. É como se tivéssemos, devido à urgência de nossos dias e afazeres, um acortinado sobre nossos olhos, sobre nossos sentidos, como que a nos imunizar contra as agruras, e também alegrias e conquistas, da vida diária. Dispor sobre as coisas uma lente de aumento, tornando-as foco e não mero adereço de nossos dias dá permissão a si e às próprias coisas para que aconteçam a nós (AMORIM E CASTANHO, 2007, p. 105).

Aqui se encontra um grande desafio para o professor que está sempre correndo contra o tempo, precisa dar conta de fazer tudo, cumprir os prazos. O que acontece com a arte e a beleza na educação? Elas desaparecem, indica Ostetto (2011), nas folhas brancas de papel A4, nas massinhas de modelar, nas tintas para pintar, nas *dancinhas* e *teatrinhos*. É fato que o momento artístico nas instituições de educação e escolas é sempre corrido, agitado, o que contribui para o afastamento entre a criança e o professor. O momento de realização das produções artísticas deve ser prudente, cauteloso; é o momento de ouvir a criança. O que ela quer desenhar? O que quer pintar? O que quer ouvir, cantar e dançar? E o que quer criar? São questões que nos levam à reflexão. Sabemos o que temos que fazer e ainda assim não fazemos? Isso acontece porque estamos sempre obedecendo ao mercado educacional, afinal, a educação hoje é um negócio, e a educação artística

não gera lucro, o que gera resultados quantificáveis é o conteúdo tradicional, acumulado ao longo do tempo pela humanidade.

A maneira como se resume a arte na educação infantil diz muito sobre a concepção de criança que tem se efetivado nas instituições de educação, ainda um sujeito passivo, que apenas recebe informações. Tal comportamento revela-se na figura de um professor autoritário. A autoridade é necessária na relação professor e aluno. No entanto, é preciso refletir como se estabelece essa relação autoritária, Veiga (2008), afirma que a alteridade é o conceito que fundamenta a autoridade.

A alteridade seria o reconhecimento do outro, de suas individualidades e especificidades. Nesse sentido, a autoridade do professor baseia-se no reconhecimento real da especificidade de seu papel de professor, isto é, a criança enxerga no professor uma autoridade, que é essencial na escola, para que haja uma relação de respeito entre ambos. A criança sabe que o professor é a autoridade, mas sem que este seja autoritário.

Essa relação é pautada no respeito, na afetividade e no cuidado nas interações professor e criança. Compreende-se que a sensibilidade é fundamental nas relações humanas e, para que o professor cultive na criança essa sensibilidade e compaixão pelas pessoas e pelo mundo a sua volta, compete primeiro ao professor ser essa pessoa sensível, que se compadece com o outro, que respeita suas próprias emoções e as do outro, que cria, que inventa, “[...] É preciso lembrar o homem de seu poder criativo, inventor de si, para que se veja menos como um a mais do que como único. Ir na contramão do ideal econômico que infertiliza a mente humana e suas criações.” (AMORIM e CASTANHO, 2007, p. 101).

Kishimoto (2002) lembra que o Romantismo, enxerga na criança uma natureza boa:

Recorrendo à metáfora do desenvolvimento infantil como recapitulação da história da humanidade, o Romantismo, com sua consciência poética do mundo, reconhece na criança uma natureza boa, semelhante à alma do poeta, considerando o jogo sua forma de expressão. Mais que um ser em desenvolvimento com características próprias, embora, transitórias, a criança é vista como um ser que imita e brinca, dotada de espontaneidade e liberdade (p. 30).

Essa poesia, conforme Ostetto (2007) é o universo artístico, que envolve o pensamento, o sentimento, a razão e emoção. Então, sabendo que a criança é esse ser espontâneo, artístico, poeta, compete a nós, enquanto professores, propiciar

vias de acesso que permitam que essa criança enfrente a realidade de mundo e seja capaz de transformá-la. Seja por meio da brincadeira, da linguagem musical, do brinquedo cantado, da literatura, das artes, enfim, pelo contato com as produções artísticas que a criança desenvolve sua autonomia, liberdade e conquista novos saberes, desenvolvendo um olhar sensível, capaz de conciliar com a realidade em que vive, estando preparada para atuar nela.

CAPÍTULO II: CONTRIBUIÇÕES DA LINGUAGEM MUSICAL PARA O DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A música é uma das representações da arte que se caracteriza por uma linguagem universal que atinge a todos e promove a expressão dos sentimentos e da sensibilidade. A música encanta, acalma, nutre a alma. “A música é o elo entre o som e o silêncio, entre o criar e o sentir, entre os movimentos vibratórios e as relações que se estabelecem com eles”. (GOHN e STAVRACAS, 2010). A música, assim como as demais formas de arte, nos permite contemplar com sensibilidade o mundo a nossa volta.

Refletir sobre as contribuições da música para a educação infantil demanda analisar o que seria esta etapa e como se desenvolve a aprendizagem neste ciclo inicial da educação. Sendo assim, a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, é uma das mais importantes na vida da criança, já que possui forte impacto na fase adulta. Esta etapa é responsável pelo desenvolvimento integral da criança em suas dimensões intelectual, social, política, ética, física e motora. É nesta etapa que a criança desenvolve sua autonomia e liberdade, bem como a apropriação da cultura, da ciência, da arte, isto é, descobertas em diferentes áreas do conhecimento, além do convívio com as diferenças, em razão de que se relaciona com crianças e adultos distintos de seu convívio familiar.

Contudo, durante muito tempo, a educação infantil destinou-se ao aspecto assistencialista, sendo responsável apenas pelo cuidar das crianças, desvalorizando o caráter educativo. Em virtude disso, Carvalho *et al.* (2015) ressaltam que o profissional que atuava na educação infantil, não necessariamente dispunha de uma formação satisfatória para atender crianças desta etapa da educação. Essa visão se modifica, conforme salienta Carvalho *et al.* (2015), com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), que reconsidera e torna obrigatória a formação do profissional para atuar na educação infantil, além disso, recria o exercício por parte de pessoas que não estejam aptas, sendo necessária a formação adequada para atuar nessa modalidade da educação básica.

A LDB (9394/96) surge após a Constituição Federal de 1988 (CF 88). São leis fundamentais que apresentam evidentes contribuições para a educação brasileira. Com a CF 88, o Estado passa a ter o dever de ofertar a educação infantil em creches e pré-escolas e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), determina o suporte integral, isto é, o cuidar e o educar para as crianças de 0 a 6 anos de idade.

Dessa forma, o papel da instituição de educação infantil é o de propiciar o contato da criança com o conhecimento científico e artístico (no plano da sensibilidade). Assim sendo, a criança terá possibilidades de compreensão de mundo, por meio da investigação, do debate e da capacidade de resolver problemas, em outras palavras, a instituição de educação infantil deve formar um cidadão crítico e reflexivo, capaz de atuar na realidade concreta.

Tendo em vista o caráter formativo da educação infantil, o profissional adequado para esta etapa deve guiar esse processo com cuidado e afeto. Assim sendo, a pedagogia de projetos é essencial para que as experiências, vivências e aprendizagens das crianças sejam, de fato, significativas. A proposta curricular deve contar com a participação das crianças. Conforme destaca Oliveira (2011):

O currículo não pode ser entendido como um plano individual predeterminado. É um projeto coletivo, uma obra aberta, criativa e apropriada para o “aqui-e-agora” de cada situação educativa. Ocorre com base na análise dessa situação, no estabelecimento de metas e prioridades, no levantamento de recursos, na definição de etapas e atividades básicas, na reconstrução do projetado na interação (*interação*) com as crianças, na verificação de aspectos do seu comportamento que se vão modificando no decorrer do processo. Envolve sensibilidade e uma visão de criança como alguém competente e com direitos próprios (p. 183).

Neste sentido, a criança é vista como um sujeito de direitos, capaz de atuar ativamente em seu processo de aprendizagem. Oliveira (2011) destaca ainda que, é fundamental também a participação das famílias, para a produção de um currículo eficaz que busque a superação das dificuldades das crianças.

Conceber a criança como um sujeito ativo, participativo e protagonista em seu processo de aprendizagem, é considerar que a criança é um sujeito sócio-histórico, que possui conhecimentos prévios sobre inúmeros assuntos e é repleto de uma bagagem cultural. Por esse motivo, a avaliação na educação infantil nunca poderá

ser mensurável e classificatória, mas sim ampla e reflexiva, uma vez que as crianças não são receptoras de informações, são sujeitos capazes de opinar, de levantar hipóteses e fazer questionamentos. (BARBOSA e HORN, 2008).

Veiga (2008) chama a atenção para a avaliação formativa alternativa. Conforme a autora, essa avaliação estimula as crianças para a resolução de problemas, e utiliza-se de meios diversos para a coleta e análise das informações avaliativas. Valoriza-se a dimensão socioafetiva. “Não há separação entre razão e emoção. Há uma preocupação com o desenvolvimento de valores necessários para uma vida saudável, solidária, para um ser humano sensível”. (p. 286).

Considerar as curiosidades das crianças, respeitar seus gostos e interesses é algo fundamental no trabalho docente. O professor da educação infantil deve ser um bom observador, posto que, por meio de uma boa observação, ele será capaz de desenvolver situações de aprendizagem ativas e significativas que instiguem a curiosidade das crianças e atenda às necessidades delas.

Kishimoto (2002) discute a importância do lúdico para as crianças e para o seu desenvolvimento. As brincadeiras e os jogos são atividades que possibilitam a aprendizagem de forma mais eficaz e divertida. O lúdico, de acordo com a autora, são atividades prazerosas que contribuem para o processo de aprendizagem da criança, permitem que elas brinquem e realizem atividades que envolvam diversas habilidades.

O lúdico está relacionado com o brincar. É por meio da brincadeira que as crianças expressam suas ideias e sentimentos, desenvolvem também habilidades e a criatividade. Por esse motivo, o brincar torna-se essencial na educação infantil. Carvalho *et al.* (2015), destaca que, a brincadeira influencia o desenvolvimento infantil, pois são as brincadeiras e os jogos que possibilitam o aprendizado significativo para a criança, que passa a desenvolver interação social com outras crianças.

Sabemos que o brincar é fundamental, no entanto, ele não pode ser apenas um momento de diversão ou passatempo. As brincadeiras devem contar com intencionalidade, com objetivo, posto que, dessa forma, poderá contribuir

efetivamente para o desenvolvimento da criança. Nesta mesma linha de raciocínio, Oliveira (2010) recomenda:

Assim, as experiências vividas no espaço de Educação Infantil devem possibilitar o encontro de explicações pela criança sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesma enquanto desenvolvem formas de sentir, pensar e solucionar problemas. Nesse processo é preciso considerar que as crianças necessitam envolver-se com diferentes linguagens e valorizar o lúdico, as brincadeiras, as culturas infantis (p.6).

Pensando dessa forma, o lúdico deve desempenhar um papel educativo. É claro que há momentos em que as brincadeiras assumem apenas a finalidade de distração, ainda assim, ela poderá estimular vários aspectos de desenvolvimento individual e social. Contudo, é fundamental o planejamento por parte do professor, para que a brincadeira seja significativa e as crianças possam aprender com as brincadeiras lúdicas.

Quando o objetivo da brincadeira é apresentado à criança, esta poderá, posteriormente, diferenciar quando a brincadeira possui caráter educativo e quando não; mesmo que não possua objetivos claros, a brincadeira ainda possibilitará o desenvolvimento da criança, uma vez que é possível expressar durante as brincadeiras, afetos, frustrações, resolução de conflitos e controle das emoções. Essa ação, conforme Oliveira (2010), não é transmitir aspectos de uma cultura pronta, mas sim propiciar condições de apropriação de certas aprendizagens com intuito de possibilitar o desenvolvimento de formas de agir, sentir e pensar, por exemplo.

Precisa ser dada ao desenvolvimento da criança uma atenção especial. Temos vivenciado mudanças no propósito da educação infantil, que se destina cada vez mais à formação integral humana. Há o reconhecimento e a proteção à infância, a criança é vista como um sujeito de direitos. Segundo Barbosa e Horn (2008):

as crianças são capazes de criar teorias, interpretações, perguntas, e são co-protagonistas na construção dos processos de conhecimento. Quando se propicia na educação infantil a aprendizagem de diferentes linguagens simbólicas, possibilita-se as crianças colocar em ação conjunta e multifacetada esquemas cognitivos, afetivos, sociais, estéticos e motores (p.28).

Entende-se que a educação infantil não tem o propósito de transmissão de conhecimentos, mas de desenvolvimento de potencialidades que permitam e

facilitem a aprendizagem. O professor ainda que seja uma autoridade, não é um sujeito autoritário, pelo contrário, ele deve ser capaz de ouvir e respeitar as inúmeras linguagens das crianças, “Carla Rinaldi (1995) lembra que um grande verbo nesta relação é *escutar* e não transmitir, explicar, falar, como tem sido comum quando se trata de relações criança-adulto.” (RINALDI *apud* OSTETTO, 2004, 61).

Sabendo da importância do lúdico para a aprendizagem da criança, a linguagem musical torna-se grande aliada no trabalho do professor para o desenvolvimento da aprendizagem da criança na educação infantil. Como já citado, os brinquedos e as brincadeiras favorecem o desenvolvimento infantil. Kishimoto (2002) destaca que as brincadeiras envolvendo músicas, danças e parlendas, podem contribuir para o desenvolvimento das formas de expressão da criança, bem como, promovem a interação e a aproximação com a vida real e cotidiana da criança. Por isso, a atividade lúdica proporciona o desenvolvimento intelectual, físico e mental da criança.

O *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil* (RCNEI) apresenta a importância da música para a educação infantil devido à possibilidade de junção dos elementos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, interação e comunicação social, promovidos pela linguagem musical. No entanto, o RCNEI (1998) chama a atenção para como a linguagem musical tem sido trabalhada na educação infantil, muitas vezes sendo somente uma atividade mecânica, sem ligação com a prática pedagógica.

Brito (2003), reflete neste mesmo sentido, reafirmando como a música sempre esteve muito ligada ao condicionamento de rotina, de hábitos, de disciplina e a celebração de datas comemorativas. Dessa forma, a música é somente um meio para alcançar um objetivo estabelecido pela instituição de educação. As propostas pedagógicas voltadas para os eventos comemorativos são frequentes nas instituições. Esses são, de fato, elementos da cultura que devem ser mantidos, no entanto, não podem ser o único elemento no planejamento pedagógico do professor.

Quando a proposta pedagógica da educação infantil se orienta somente para as datas comemorativas, o educador em nada reflete sobre o conhecimento científico. As datas se repetem ano após ano e, dessa forma, a criança sempre está em contato com o mesmo conceito que já viu anteriormente. Sabemos que é uma

temática muito relevante na instituição, mas não necessariamente a única que deve ser abordada nas instituições. Os “trabalhinhos”, as “lembrancinhas”, as “dancinhas”, assim citados por Ostetto (2012), não permitem que a criança reflita sobre os motivos pelos quais se comemora essas datas.

A arte na escola é sempre vista como um momento de recreação, de lazer e quase nunca é voltada para a expressão dos sentimentos e emoções que as produções artísticas promovem. Conforme Ostetto (2011), a arte na educação infantil amplia a visão da criança sobre o mundo, a natureza e a cultura, complementando e aprimorando suas experiências sensíveis e estéticas. Seu objetivo é expressar sentimentos e emoções. Por isso, Brito (2003) reforça que a linguagem musical na educação infantil deve ser utilizada para promover o desenvolvimento humano:

Nesse sentido, importa, prioritariamente, a criança, o sujeito da experiência, e não a música, como muitas situações de ensino musical insistem em considerar. A educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje (p. 46).

Contrariamente, a música nas instituições de educação tem sido somente um aprendizado mecânico, em que as crianças apenas reproduzem as canções e os gestos. E quando não o fazem “corretamente”, são constantemente cobradas pelos professores a fazerem da maneira correta, especificamente se for um ensaio para uma data comemorativa importante. Segundo o *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil* (BRASIL. RCNEI, 1998):

O trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentem necessidades especiais. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social (p. 49).

Nesse sentido, a linguagem musical contribui também para ouvir as múltiplas linguagens das crianças, especialmente os bebês e as crianças bem pequenas, aquelas que ainda não desenvolveram completamente a linguagem oral, pois se expressam frequentemente pelas manifestações corporais, pelos olhares e pelo choro, a música, nesses contextos pode fornecer acalento e conforto.

A capacidade de desenvolvimento da autoestima e do autoconhecimento, proporcionados pela linguagem musical é incontestável. A música possibilita expressão dos sentimentos e emoções, promovendo a sensação de bem-estar. Conforme Frada e Neves (2017), o desenvolvimento da autoestima surge por meio da exploração das emoções, no sentido de aceitação das particularidades e dificuldades individuais, e o reconhecimento das qualidades, para a compreensão da diversidade do ser humano. Com a autoestima manifesta-se a autoconfiança, a criança desenvolve uma relação mais harmoniosa consigo mesma e com os outros, pois é capaz de aceitar seus próprios erros e reconhecer seus acertos, sendo possível tornar-se um adulto mais confiante e seguro.

Para Brito (2003), a música é uma das mais antigas formas de arte. O envolvimento dos bebês com a música vem antes mesmo do nascimento. Ainda na barriga da mãe, os bebês já convivem com um ambiente de sons provocados pelo corpo materno, como o sangue que flui nas veias, a respiração, a movimentação dos intestinos e com as batidas do coração. Além disso, a voz materna também estabelece sons especiais e marca afetiva para eles. Neste sentido, a autora observa:

Os bebês e as crianças interagem permanentemente com o ambiente sonoro que os envolve e – logo – com a música, já que ouvir, cantar e dançar são atividades presentes na vida de quase todos os seres humanos, ainda que de diferentes maneiras. Podemos dizer que o processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música (BRITO, 2003, p. 35).

Essa relação espontânea da criança com a música se constitui, para Brito (2003), no *fazer musical*. Este se difere quando feito por um adulto, uma vez que, para cada sujeito a música possui um sentido. A autora ressalta a importância das cantigas de ninar, das canções de roda e das parlendas; essas se constituem em um repertório que permite a comunicação dos bebês e crianças pelos sons. Todas essas brincadeiras cantadas, além de entreterem a criança, também contam com algum ensinamento.

Os brinquedos cantados, assim chamados, são a união da música com o jogo. Como já citado, são as canções de roda, cirandas e rodas cantadas. De acordo com Paiva (2000) são de grande valor educativo e folclórico, posto que unem tradição,

música e movimento, caracteriza-se em uma atividade corporal que utiliza gestos e dança, retratam uma infância feliz. Possuem diversos objetivos, entre eles, desinibir a criança, liberar tensões desnecessárias, desenvolver o gosto pela música, permitir que a criança faça descrições e definições, isto é, enquanto ferramenta educativa, promover o desenvolvimento da motricidade e da criatividade.

Discutir a importância do brinquedo cantado na educação infantil implica refletir que esse recurso é marcado pelo movimento. Sabemos que a criança também é marcada pelo movimento, na medida em que ela explora o espaço ela aprende e se desenvolve. Nesse sentido, os brinquedos cantados constituem-se em uma atividade lúdica capaz de estimular o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Alguns brinquedos cantados colaboram para o desenvolvimento do esquema e imagem corporal, por exemplo, que são elementos da psicomotricidade, um exercício de desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo.

A criança começa a se perceber, desenvolve consciência corporal, por meio das experiências e sensações que vivencia e experimenta, e é possível que ela identifique e diferencie partes do próprio corpo, se reconheça na imagem refletida no espelho. Para que isso aconteça é fundamental também pensar no espaço da sala, que deve ser um ambiente capaz de atender a todas as crianças; o espelho, por exemplo, deve ser de acordo com o tamanho delas para que seja possível o reconhecimento de si mesmas.

Essa atividade de desenvolvimento do esquema e imagem corporal por meio dos brinquedos cantados permite também trabalhar a diversidade com as crianças. Sabe-se que o objetivo da educação infantil é o desenvolvimento do ser, discutir sobre as diferenças humanas na educação infantil possibilita desenvolver na criança uma consciência de tolerância, empatia e sensibilidade para com o próximo.

Para que a linguagem musical contribua, de fato, para a aprendizagem da criança e deixe de ser apenas um momento de recreação, mecânico, no qual a criança não enxerga qualquer relação com seu cotidiano, aplicar música na educação infantil deve implicar autenticidade. Uma atividade significativa inclui a criança em todo o processo. Diante disso, Brito (2003) evidencia a construção de instrumentos e de músicas pelas próprias crianças. Segundo a autora, os instrumentos ampliam as possibilidades de expressão corporal, despertam a

curiosidade, envolvem e aproximam as crianças, uma vez que é uma produção exclusiva delas.

Quanto à criação de músicas pelas crianças, Brito (2003) afirma que incentivar as crianças a produzirem músicas possui um valor significativo para elas. As crianças contribuem com um repertório trazido por elas, conforme suas experiências e vivências em família, a partir de sua cultura e tradição. Essa atividade, além de prazerosa e divertida, estabelece uma ligação afetiva entre o professor e as crianças, já que há o envolvimento de ambas as partes na criação das músicas. O papel do professor nesse processo é de mediador, ele auxilia a organizar as ideias, orienta, opina, mas não impõe ou decide algo sozinho. Dessa forma, ele colabora para que todo o trabalho seja coletivo.

Construir músicas e instrumentos é para Kishimoto (2002) uma *brincadeira de construção*, pois essa atividade estimula a criatividade, a imaginação, bem como o desenvolvimento afetivo e intelectual. Essa construção torna a música e os instrumentos evidentes e reais para a criança e, considerá-la como um sujeito ativo, que é capaz de aprender, de solucionar problemas e de questionar o mundo a sua volta, é permitir que ela se expresse, possibilitando condições para que ela crie suas próprias canções e instrumentos, afinal, a criança por meio da brincadeira faz música, mesmo sem a intenção de fazer, “[...] Fazendo música, ela, metaforicamente, “transforma-se em sons”, num permanente exercício: receptivo e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, “descobre instrumentos”, inventa e imita [...]” (BRITO, 2003, p. 35).

Brito (2003) reforça que o trabalho pedagógico com a música não necessariamente precisa de professores qualificados na área, mesmo porque a atividade não visa formar futuros músicos, como já citado. A intenção é contribuir para a formação integral da criança. A autora observa:

Trazer a música para o nosso ambiente de trabalho exige, prioritariamente, uma formação musical pessoal e também atenção e disposição para ouvir e observar como os bebês e crianças percebem e se expressam musicalmente em cada fase de seu desenvolvimento, sempre com o apoio de pesquisas e estudos teóricos que fundamentam o trabalho (BRITO 2003, p. 35).

Nesse sentido, o professor, além de ser um bom observador, deve ser também ser um bom pesquisador, tendo em vista que ele não possui qualificação

profissional da música e, para que esta seja relevante na educação infantil, o trabalho do professor deve implicar uma disposição para o uso dessa linguagem “[...] Integrar a música à educação infantil implica que os professores devam assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem.” (BRASIL, 2008, p. 67). É necessário que o professor entenda a importância do trabalho com a música e que busque formas lúdicas e significativas de integrar essa linguagem ao processo de desenvolvimento, tanto da sensibilidade, quanto do conhecimento.

Convém ressaltar a importância da linguagem musical e como esta possibilita o desenvolvimento de múltiplas aprendizagens na educação infantil. Essa linguagem artística é carregada de sensibilidade, de emoção, de sentimentos, de criação, invenção e imaginação. Encontra-se nela a beleza que se precisa para viver em um mundo harmônico, solidário e justo. Enquanto o objetivo da educação infantil for o desenvolvimento integral do ser humano, a linguagem musical contribuirá, desenvolvendo o humano de forma física, sensível, ética e política.

CAPÍTULO III: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO INFANTIL I E II

O Estágio Supervisionado é uma etapa fundamental na vida acadêmica, uma vez que se constitui em um momento de muitas reflexões, críticas e avaliações que implicam na formação profissional docente. O Estágio Supervisionado na Educação Infantil do Curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades (EFPH) PUC Goiás possui carga horária dividida em aulas teóricas e práticas na escola campo. O Estágio Supervisionado I consiste em uma observação participativa e produção no Projeto de Estudo, Investigação e Mediação Pedagógica. O Estágio Supervisionado II corresponde à regência de atividades elaboradas a partir do projeto e à produção do relatório final.

Para Pimenta e Lima (2012), o estágio é um momento de investigação, reflexão e intervenção, que recusa a instrumentalização técnica, pois esta perspectiva visa somente o saber fazer, menosprezando os conhecimentos científicos:

Entendemos que o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas (p. 133).

Para que haja uma verdadeira experiência formativa é necessário estudos teoricamente fundamentados, amplos e direcionados para o desenvolvimento de uma reflexão crítica acerca da realidade da Instituição de Educação e dos sujeitos que a compõem. “A profissão docente é uma prática social, ou seja, como tantas outras, é uma forma de se intervir na realidade social, no caso, por meio da educação que ocorre, não só, mas essencialmente, nas instituições de ensino”. (PIMENTA e LIMA, 2012, p. 139). O estágio é, essencialmente, uma prática de reflexão, análise e problematização das situações que se sucedem na instituição, fundamentadas em uma investigação científica que se manifesta no Projeto de Estudo, Investigação e Mediação Pedagógica.

O projeto elaborado como exigência da disciplina de Estágio Supervisionado I foi orientado sob a supervisão da professora Zélia Borges, no ano de 2021. O projeto é elaborado e executado em duplas. Contudo, o estágio supervisionado I foi realizado remotamente, em razão da pandemia da Covid-19 e, por razões sanitárias de segurança não permitiu nossa visita ao campo. As aulas e orientações para a construção do projeto aconteceram por intermédio da plataforma Teams. Com o avanço das vacinas contra a Covid-19, no segundo semestre de 2021 o estágio supervisionado II pôde ser realizado presencialmente, possibilitando as visitas ao campo, no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Vila Redenção. O Estágio na EFPH PUC Goiás orienta que a prática em campo seja preferencialmente nas instituições públicas de educação.

A escolha do tema, “Contribuições da linguagem musical para trabalhar as emoções da criança na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento na Educação Infantil”, se deu a partir de experiências de estágio não obrigatório, bem como do estudo e discussão da obra “Encontros e Encantamentos na Educação Infantil”, Ostetto (2004), durante o estágio supervisionado I. O projeto foi realizado a partir de Pesquisa Bibliográfica, partindo de estudos realizados nos livros, artigos e documentos oficiais. A exploração da bibliografia possibilitou o conhecimento teórico e o estudo de autores e discussões sobre o tema. Os autores definidos para o estudo foram: ALEXANDROFF (2012), KISHIMOTO (2002), VYGOTSKY (*apud* KISHIMOTO, 2002); BRITO (2003). Para abordagem do tema levantou-se a seguinte problemática: Como a linguagem musical contribui para trabalhar as emoções da criança na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento na Educação Infantil?

O CMEI Vila Redenção foi a instituição de educação que nos recebeu para realização do estágio supervisionado II. Devido ao atraso na liberação da Secretaria Municipal de Educação (SME) autorizando as visitas ao campo que deveriam se iniciar em setembro, o início se deu somente no mês de outubro. Devido a esse contratempo, o estágio na instituição, que geralmente conta com dez encontros, foi realizado em apenas cinco encontros. Quanto à estrutura e organização da instituição, o CMEI possuía salas com placas de cimento que, infelizmente, uma estrutura que retém muito calor. Havia uma sala de berçário para o agrupamento de crianças de 3 anos e para as de 4 anos e 5 anos. Por conta do contexto de pandemia, que orientava atendimento com capacidade máxima de 50%, a instituição atendia 100% da comunidade, dividindo as turmas em turnos de manhã e tarde.

Durante as visitas ao campo, a coordenadora Mari reforçou o quanto o trabalho com a pedagogia de projetos é levado em consideração pela instituição, enfatizando que as professoras estão sempre atentas às linguagens e curiosidades das crianças, empenhando-se em desenvolver o papel da criança como sujeito ativo e protagonista de seu processo de aprendizagem e desenvolvimento, conforme Barbosa e Horn (2008) salientam. Segundo a coordenadora, os documentos que orientam o trabalho no CMEI são o *Documento Curricular da Educação Infantil* da SME de Goiânia e o *Regimento dos Centros Municipais de Educação Infantil – CMEIS*.

Por conta da pandemia, a quantidade de crianças nas salas era reduzida, em torno de cinco crianças em cada sala. O primeiro contato com as crianças do CMEI aconteceu na segunda visita ao campo. O grupo de estagiárias era pequeno, somente seis acadêmicas. Uma dupla ficou no agrupamento de crianças entre 2 e 3 anos e duas duplas ficaram com o agrupamento de crianças de 4 e 5 anos. A dupla da qual fizemos parte ficou no agrupamento de crianças com 4 anos. Em razão da pequena quantidade de crianças, em algumas visitas, determinadas turmas encontravam-se na mesma sala. O CMEI Vila Redenção caracteriza-se como lugar muito acolhedor e recebeu muito bem as estagiárias desde a primeira visita. Acompanhadas pelas estagiárias durante os trabalhos de campo, a professora regente e a auxiliar da sala, desde o início, incluíram as estudantes nas atividades que desenvolviam com as crianças.

Cabe ressaltar que, como não houve possibilidade de realização de atividades de campo no estágio supervisionado I, o estágio II conciliou atividades que deveriam ser do estágio I, como a observação participativa, realizada nas primeiras visitas ao campo. A observação participativa é fundamental para as experiências de Estágio. Segundo Pimenta e Lima (2012), assim como os demais profissionais, o professor também aprende o exercício de sua profissão praticando. “E o modo de aprender a profissão, conforme a perspectiva da imitação, será a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, da reelaboração dos modelos existentes na prática, consagrados como bons” (p. 135). A observação é de extrema importância no Estágio Supervisionado. No entanto, o exercício do estágio não se resume apenas à observação e imitação dos professores.

Pimenta e Lima (2012) ressaltam que, ainda que bons professores sejam modelos para nós, estagiários, deve-se sempre buscar complementar a prática por meio do estudo contínuo. Como citado anteriormente, o professor precisa ser um bom pesquisador. Reconhecemos, com satisfação, que as interações vivenciadas com admiráveis professores nas experiências acadêmicas foram fundamentais para proporcionar aprendizagens importantes e diversas, assim como o aprendizado que adquirimos trabalhando com excelentes professoras nos Estágios não obrigatórios. Consideramos sim, a admiração que construímos por esses profissionais. Partindo da concepção de Pimenta e Lima (2012, p.135): “Por outro lado, o conceito de bom professor é polissêmico, passível de interpretações diferentes e mesmo divergentes”, compreendemos que não há um modelo de professor ideal, e que a postura profissional docente também dependerá da turma e não apenas do desempenho pessoal do professor, uma vez que um grupo se compõe por sujeitos diferentes, com necessidades e especificidades diferentes. Sendo assim, caberá ao profissional, elaborar e reelaborar novas metodologias de trabalho que atendam às demandas das crianças.

Conceber a etapa de observação do estágio como uma atividade de seleção de bons modelos de professores, é reduzir o estágio à mera prática do saber fazer, como se fosse uma receita, um passo a passo a ser seguido. Conforme Pimenta e Lima (2012):

No entanto, as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas com os quais se defrontam, uma vez que a redução às técnicas não dá conta do conhecimento científico nem da complexidade das situações do exercício desses profissionais. Nessa perspectiva, o profissional fica reduzido ao ‘prático’, o qual não necessita dominar os conhecimentos científicos, mas tão somente as rotinas de intervenção técnica deles derivadas (p.136).

É fundamental dominar as técnicas, entretanto, é preciso compreender que a realidade de uma instituição de educação é dinâmica, isto é, passível de mudanças, e as técnicas e habilidades empregadas não são as mesmas para as todas as adversidades que surgem no espaço da instituição.

Infelizmente, por conta do momento vivido pelo mundo durante a Pandemia da Covid-19, entraves burocráticos e outros motivos mencionados, nosso estágio não se desenvolveu em condições normais adequadas e pode ser avaliado como

razoável, em função do pouco tempo de convívio na instituição pública educativa. Não tivemos tempo suficiente para observar as interações entre as crianças e a professora regente e a auxiliar da sala. Apesar disso, notamos que a convivência entre ambas, regente e auxiliar, era agradável, e frequentemente era possível perceber a autonomia da auxiliar que atuava como regente, em alguns momentos. A ocorrência dessa experiência chamou a atenção, uma vez que, acostumadas a trabalhar como auxiliares nas instituições privadas, sempre ficamos mais responsáveis pelo ato de cuidar das crianças, enquanto o ato educativo estava sob a responsabilidade das professoras regentes. Sabemos que estagiários não podem assumir turmas, ainda assim, o estagiário pode sim contribuir e colaborar com as atividades pedagógicas.

Em nossa segunda visita à instituição, a regente da sala nos convidou para uma atividade com brinquedo cantado: a dança das cadeiras, buscando, por meio do jogo/brincadeira, uma aproximação entre as crianças e nós, estagiárias. Apesar de, no momento, o recurso ter sido usado somente para o desenvolvimento de um vínculo afetivo entre nós, a brincadeira também promove o desenvolvimento psicomotor da criança. A motricidade ampla é trabalhada quando a criança corre para se sentar em uma cadeira e desenvolve também o equilíbrio estático e dinâmico, estimulando a concentração quando a criança fica em pé, bem como quando se movimenta. É uma atividade que expressa emoção, alegria e desperta a afetividade entre os integrantes do jogo. Conforme Ramos e Muniz (2020) “A dança das cadeiras é praticada em grupo, sendo muito divertida e alegre, despertando a emoção, afetividade, habilidade nos movimentos e interação com os demais componentes” (p.466).

Ao final do jogo, a professora nos relatou que uma das finalidades do jogo era também ensinar sobre como lidar com as próprias frustrações. O jogo permite que a criança compreenda que perder também faz parte da brincadeira, e entender isso é fundamental para o desenvolvimento emocional de toda criança. Por isso, a brincadeira é tão importante na educação infantil. Vygotsky (*apud* KISHIMOTO, 2002), afirma que a brincadeira lúdica permite a interação envolvendo diversos fatores, e é o que possibilita a troca de saberes e conhecimentos, assim como a vivência com várias brincadeiras de diferentes culturas e o contato com pessoas de

outros grupos sociais diferentes dos seus, isto é, conhecer o outro, respeitando suas individualidades e especificidades.

O momento do parque faz parte da rotina da instituição de educação. As crianças de todos os agrupamentos foram reunidas para brincar no parque. Segundo o *Documento Curricular da Educação Infantil* da SME de Goiânia (2020), o parque é um ambiente de exploração das brincadeiras de faz-de-conta ou mesmo das brincadeiras e jogos com regras determinadas. Constitui-se em um momento de realização das brincadeiras escolhidas pelas próprias crianças. Neste sentido, algumas crianças estavam cantando e dançando músicas com temas adultos. De fato, as relações entre adultos e crianças têm se redefinido em nossa sociedade, e as crianças também são expostas e atingidas pela mídia e pelo consumo, principalmente pelo aumento do uso de redes sociais pelas crianças e adolescentes.

Ao perceber a situação, uma das professoras regentes pegou uma caixa de som e colocou músicas com temas infantis. As crianças cantaram, dançaram e se divertiram, tornando o momento muito agradável. Notamos a presença da música em vários momentos em que estivemos no CMEI. Esta linguagem faz parte da vida humana, constituindo-se em uma prática cultural que possibilita as interações sociais.

Em nossa terceira visita ao campo, realizamos a primeira regência. Foram elaboradas seis atividades para serem realizadas com as crianças, no entanto, por conta do atraso na autorização para ida à instituição e pela quantidade de crianças presentes em sala (somente quatro crianças), optamos por unir duas atividades em uma só. Iniciamos pela roda de conversa, que se constitui em um importante elemento da rotina da educação infantil e retrata o desenvolvimento da comunicação da criança. Segundo o RCNEI (BRASIL, 1998):

A roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas ideias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem (p.138).

O momento de conversa representa uma importante experiência de interação, especialmente para que nós, estagiárias, pudessemos nos aproximar das crianças. Ao permitir que elas expressassem suas ideias e pensamentos, buscávamos

estabelecer uma relação de confiança. Fizemos os acordos também sobre os combinados, embora as crianças já tivessem os combinados da turma, era necessário estabelecer os combinados delas conosco. Elencamos cinco combinados e anotamos em papel A3 colorido, depois pedimos para que elas decorassem o cartaz com as regras que listamos juntos, utilizando um material que levamos. Fizemos a colagem junto com elas.

A música que escolhemos para iniciar a abordagem do tema do nosso projeto com as crianças foi “Cara de quê” do Grupo Coração Palpita. A música possibilita trabalhar as expressões faciais, e a partir da música e de imagens de pessoas fazendo expressões e caretas, as crianças conseguiram nomear alguns sentimentos e emoções, como amor, raiva, alegria, ao montar um varal de expressões e sentimentos que deixamos em sala. Ao apresentar um espelho que aumenta a imagem refletida, solicitamos que cada criança, ao olhar no espelho, fizesse uma careta ou uma expressão. Elas reagiram com sorrisos, caretas, fazendo carinha de triste, de medo e de bravo. Ao entregarmos a massinha pegajosa, questionamos os sentimentos que elas sentiam ao tocar na massinha, e o interessante é que elas, ao responderem, também fizeram as expressões de sentimentos que experimentaram durante a brincadeira lúdica proporcionada pela música “Cara de quê” do Grupo Coração Palpita.

A vivência promovida pela atividade na área externa da instituição foi realizada no quarto encontro. Percebemos, nesse dia, que estávamos já estabelecendo uma relação afetiva com as crianças, pois fomos recebidas com abraços por algumas delas. Após a roda de conversa, dançamos e cantamos a música “Se eu fosse” do Grupo Tiquequê, possibilitando, por meio da canção, desenvolver outras expressões com o corpo. Em roda, explicamos como seria a atividade na área externa e estabelecemos combinados para que a atividade fosse divertida e cuidadosa. “Vamos passear na floresta?” foi a música que possibilitou o desenvolvimento da criatividade e imaginação das crianças, quando as convidamos para um passeio na floresta. O faz-de-conta é, para Vygotsky “[...] um dos grandes contribuidores para o desenvolvimento da linguagem escrita – que é um sistema de simbolismo de segunda ordem” (NETO *et al.* 1998, p, 133).

Para o desenvolvimento da atividade, fabricamos em casa um instrumento musical com duas baquetas de madeira para cada criança; além disso montamos, na área externa da instituição, um cenário de acordo com a música, que aborda elementos da natureza, como rios, árvores, cavernas e animais. Como citado anteriormente, a beleza e a sensibilidade se encontram na natureza, uma vez que seus elementos nos trazem conforto. E o que percebemos é que essa atividade lúdica de brinquedo cantado permitiu, não somente a movimentação e a exploração do espaço externo do CMEI, como também promoveu o desenvolvimento da imaginação e da criatividade, por se tratar de uma brincadeira de faz-de-conta, incentivou a expressão de emoções e sentimentos das crianças, que identificamos mediante os pedidos para refazer a atividade. As crianças expressaram suas sensações de alegria e bem-estar, desenvolvendo assim uma sensibilidade por meio da brincadeira lúdica com a linguagem musical, afetiva e prazerosa.

A quinta e última experiência do Estágio Supervisionado foi marcada pela realização de uma atividade coletiva, promovida por todas as estagiárias do curso de Pedagogia – Matutino da EFPH PUC Goiás de 2021. A atividade contemplou todas as crianças, de todos os agrupamentos. Antes do início das atividades, nos despedimos das crianças que acompanhamos no agrupamento de 4 anos. Neste dia, em roda, cantamos e dançamos algumas músicas, posteriormente convidamos as crianças para a produção de um mural de fotos que tiramos durante as regências das atividades.

A atividade coletiva incluiu jogos e brincadeiras lúdicas. Uma dupla de estagiárias mediu a brincadeira de origem africana, *Mbube, Mbube* (leão), jogo que se assemelha ao da cabra cega, diferenciando-se no *Mbube* porque são duas crianças que têm os olhos vendados, uma é o leão e a outra é a presa. A brincadeira estimulou a atenção e a concentração das crianças.

Encerrando nossas atividades no CMEI utilizando a linguagem musical para expressão das emoções das crianças, que dançaram e tocaram os instrumentos musicais que confeccionamos em casa. Por conta do tempo curto, não tivemos oportunidade de produzir instrumentos juntamente com as crianças. Notamos a expressão de sensações agradáveis de felicidade, prazer e bem-estar de grande

parte das crianças, demonstrando que a linguagem musical proporciona a manifestação das emoções.

Talvez, a compreensão da relação entre teoria e prática tenha sido insuficiente, em razão das adversidades que atrapalharam o nosso Estágio Supervisionado na Educação Infantil. Ainda assim, as experiências foram grandiosas, posto que permitiram a ampliação das reflexões e análises. Embora as atividades tenham sido desenvolvidas apressadamente, foi possível perceber grande entusiasmo das crianças pela música, nas expressões de prazer e na pronta aderência às brincadeiras propostas. Acrescentando-se os conhecimentos teóricos e as experiências vivenciadas durante os estágios, podemos concluir que a linguagem musical pode ser uma metodologia capaz de promover o desenvolvimento da sensibilidade na criança, bem como estimular e fortalecer múltiplas aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender como a linguagem musical contribui para o desenvolvimento da sensibilidade e aprendizagem da criança na Educação Infantil implica uma constante reflexão sobre como essa linguagem tem sido aplicada nas Instituições de Educação Infantil. A pesquisa mostrou que as produções artísticas, em especial a música, principal objeto de estudo deste trabalho, promovem sensações agradáveis, que tocam nossas emoções. Nesse sentido, a investigação bibliográfica, assim como a experiência no campo de estágio, possibilitou perceber como essa linguagem pode desenvolver a sensibilidade na criança. Isso porque, essa linguagem está muito presente na vida humana, desde o início da vida. Como vimos, o contato humano com a música surge ainda na vida intrauterina, o que já indica uma experiência de afetividade entre a mãe e o bebê, promovendo o desenvolvimento da sensibilidade.

Pelas leituras e reflexões dos autores, e nas observações e experiências da realidade do mundo, percebemos como essa linguagem tem sido utilizada na Educação Infantil, sendo possível considerar que nem sempre está voltada para a expressão dos sentimentos e emoções. Muitas vezes a música faz parte somente de uma atividade de descontração e distração, ou mesmo de um momento de fixação e memorização de gestos que não possuem ligação nenhuma com o cotidiano da criança. Essa prática frequente nas instituições, não considera os conhecimentos prévios e as experiências culturais das crianças, não as consideram enquanto sujeito sócio-históricos, que são capazes de atuar no mundo e transformá-lo.

Sabe-se que o professor não tem formação musical, mas, conforme abordado, é necessário interesse da parte dele, caso ele queira, de fato, trabalhar com a linguagem musical de maneira significativa. Explorar diferentes espaços, materiais e sons, é o que irá tornar a atividade mais agradável, é o que irá chamar a atenção da criança e possibilitar diversas aprendizagens. O que pudemos observar, na atividade de brincadeira cantada na área externa do CMEI Vila Redenção, as crianças não exatamente produziram/criaram uma música, mas vivenciaram a canção imaginando, simbolizando, brincando, desenvolvendo a criatividade e a expressão. Tornando a vivência musical mais prazerosa, tornando-a diferente de um momento mecânico em

que as crianças apenas reproduzem gestos e canções, dentro da sala, sem a permissão de exploração dos diversos espaços da instituição.

A pesquisa e vivência em campo mostraram como é possível, por intermédio da música, promover o desenvolvimento integral da criança, na medida em que, essa linguagem contribui para o desenvolvimento de habilidades motoras, exploração de mundo, possibilidades de novas descobertas, levantamento de hipóteses e questionamentos. A motivação e o interesse da criança pela música permite que ela desenvolva seu domínio afetivo, pelo reconhecimento de si mesma e do outro, respeito a si e ao outro, resultando em um comportamento social sensível.

Nesse sentido, essa linguagem deve ser compreendida como um meio para a criança expressar suas ideias, pensamentos, sentimentos, assimilar sensações e compreender suas emoções, interagir e comunicar com seus pares e adultos, bem como desenvolver habilidades de criação e imaginação. Isso, quando bem estimulada pelo professor que deve ser capaz de promover situações de aprendizagem, de fato, significativas, estratégias lúdicas e criativas voltadas para o desenvolvimento das habilidades já mencionadas. Para tanto, o professor deve estabelecer uma relação afetiva com a criança, conhecê-la, o que só conseguirá se o professor se colocar como um sujeito sensível e empático, podendo desenvolver na criança igual sensibilidade.

O estudo desta temática torna-se relevante para estudantes e professores, pois destaca a importância das vivências e experiências com a linguagem musical na Educação Infantil, que se apresentam fundamentais para a formação e desenvolvimento da criança. Isso, quando essas experiências estão voltadas para fins de desenvolvimento humano, sendo, portanto, práticas pedagógicas, que garantem a aprendizagem. A música promove múltiplas aprendizagens, dado que a criança, por meio da experiência com essa linguagem, aprende e se desenvolve. No entanto, vale ressaltar que, quando a música é voltada somente para cumprir com a rotina e objetivos das instituições de educação infantil, ela em quase nada contribui para o contato com o conhecimento científico e artístico ao qual a Educação Infantil se propõe. Faz-se necessário pensar o que os professores têm feito para mudar o cenário semelhante ao que, observamos, ser ainda muito presente nas instituições

de educação infantil, que se preocupam mais com os resultados quantificáveis expressos nos “trabalhinhos” e “dancinhas”, do que com o desenvolvimento pleno do ser humano. A formação de professores é, certamente, o melhor caminho.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDROFF, Marlene Coelho. O Papel das emoções na constituição do sujeito. **Construção psicopedagógica**, v. 20, n. 20, p. 35-56, 2012.
- AMORIM, Verussi Melo de; CASTANHO, Maria Eugênia. Da dimensão estética da aula ou do lugar da beleza na educação. **Reflexão e Ação**, v. 15, n. 1, p. 158-173, 2007. Disponível em: [file:///C:/Users/gabri/Downloads/229-Texto%20do%20Artigo-644-1-10-20080306%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/gabri/Downloads/229-Texto%20do%20Artigo-644-1-10-20080306%20(1).pdf). Acesso em: 10 nov. 2022.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil 1988**. Brasília, 1988.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei federal. v. 8, 1990.
- BRASIL. **LDB. Lei 9394/96 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf. Acesso em: 15 de nov de 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 3.
- BRITO, Teca Alencar. **Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2003.
- CARVALHO, Darcilane Maria de *et al.* **Educação Infantil: desafios e perspectivas**. 2015. Disponível em <http://repositório.unesc.net>. Acesso out. 2022.
- COÊLHO, Ildeu Moreira. **Escritos sobre o sentido da escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2012.
- FERNANDES, Tânia *et al.* A música na educação infantil. **Revista Científica Semana Acadêmica**. Fortaleza, a. 2016, n. 90, 27/10/2016. Disponível em: https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/a_musica_na_educacao_infantil_publicar.pdf. Acesso em: 10 nov. 2022.
- FRADA, Cecília; NEVES, Ivone. A Promoção da autoestima da criança. **Revista De Estudios E Investigación En Psicología Y Educación**, p. 284-287, 2017. Disponível em: <http://195.22.21.182/bitstream/20.500.11796/2544/1/2843-9954-1-PB.pdf>. Acesso em 10 nov. 2022
- GOHN, Maria da Glória; STAVRACAS, Isa. O papel da música na Educação Infantil. **EccoS Revista Científica**, v. 12, n. 2, p. 85-103, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/715/71518580013.pdf>. Acesso em 11 nov. 2022.
- GOIÂNIA. Documento Curricular da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia. Goiânia: Secretaria Municipal de Educação e Esporte de Goiânia, 2020. Disponível:

<file:///C:/Users/gabri/Downloads/Documento%20Curricular%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infanti%20da%20SME%20de%20Goi%C3%A2nia%202020%20-%20diagramado.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022

KISHIMOTO, Tizuko M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2002.

LÓPEZ, Anna Lúcia Leão. A influência das músicas infantis no desenvolvimento psicomotor da criança. **Brazilian Journal of Music Therapy**, 1998. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/148/135>. Acesso em 15 nov. 2022.

NETO, Cipolla *et al.* A formação social da mente Vygotski, LS 153.65-V631 Psicologia e Pedagogia O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. **Psicologia**, v. 153, p. 631, 1998.

NUNES, A. I. B. L; SILVEIRA, Rosemary N. **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Brasília: Liber Livro, 2009.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **O currículo na Educação Infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais?** 2010. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34531705/O_curriculonaeducacaoinfantil-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1668614795&Signature=C77BPDd6~l-ZRMCSxppjplCTbmTSxjuSlsYXuR9iTCW~dhQDpA8hM8tiaG39KLGcfkli88WUAcXyfLOPi2aEBwra734YmZuZQu24VCQFWkBlE8X0zFmvexYKFLbcr0tUhZh2m2Tot598isPCzKnMkN9QfeaJK3AZYdvYS~bwuzAYfuT-plEZ0-BaypWNCrxuAEqYAyxScuOytao0TW-2yYNk59t4icgB1lqJ04f7Tm1~KBwMeN~iRyJw4OzYcPA5-nnqXYvHzNzgy7na8CL3Bd6IV2niCb6110nzbqSYulimTHS~pC8ei7pPPXsyYdMrLC49uZrNQ9BvkXWHDZF6A_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 10 nov. 2022.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

OSTETTO, Luciana E. (org.) **Encontros e Encantamentos na Educação Infantil: Partilhando experiências de estágios**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Entre a prosa e a poesia: fazeres, saberes e conhecimento na educação infantil**. Linguagens da arte na infância, p. 92, 2007.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis. **Caderno de Formação: formação de professores educação infantil princípios e fundamentos. Acervo digital Unesp 3** (2011): 27-39. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/35813867/D14_Caderno-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1668609311&Signature=MpZMZfBw2S5gvsFgETpjkRcNqKkHOuGhMRFJ-ILjpBy4hWuL24vBuFSAz~tIWZfZlssHwb9umNvIJHZ5Yua7PAcD5dmikLojhN2b-eMSOAGY5XomhDodFsD1ixRt05dekZdwbSXKN7TzFhBOZGQFKUkgM5-MnkGU6-EsRPOziCFzc6Q89qHCQ~Pfa4SGoApY3gcaMZXBBIKTH6W59HrcS1LPtUf~5f2R2mt5cwqSysUVaiXdcXFS1sjiWxvSm78G8c83gpB41BldIJ~Xqh8uUnjd8kLH-puq4BZ7dgKrhIjtj2Rii5sv3YJ2577uda17BrG2K6n56NNA1B0dBUJSAw_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA#page=27. Acesso em 10 nov. 2022.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: Ostetto, Luciana Esmeralda (org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. 10.ed. Campinas – SP: Papyrus, 2012.

PAIVA, Ione Maria R. de et al. **Brinquedos cantados**. 2000. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/78240>. Acesso em: 11 nov. 2022.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência-teoria e prática: diferentes concepções. Formação da pedagoga e do pedagogo: pressupostos e perspectivas**. 2012 p. 133-152. Disponível em: <file:///C:/Users/gabri/Downloads/EstgioeDocnciaTeoriaePrtica-diferentesconcepcoes.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022

RAMOS, Rizia Souza de; MUNIZ, Simara Sousa de. Brincadeira como uma ferramenta facilitadora do ensino e aprendizagem na educação infantil e ensino fundamental I. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 8, p. 458-469, 2020.

RODRIGUES, J.P. **Cantigas de Roda**. Porto Alegre: Magister, 1992.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro et al. Organização didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata. In: _____. **Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas**. Campinas: Papyrus, p. 267-298, 2008.